

# CONGRATULAÇÕES

Deve ter sido depois do almoço, e ao som de charutos. Os honrados senhores da Liga do Comércio do Rio de Janeiro reuniram-se para salvar o Brasil. Acabaram enviando apenas uma mensagem de congratulações, pois o Brasil já estava salvo.

A mensagem foi para o Sr. Later, e as congratulações por haver êle se pronunciado contra o aumento dos salários em geral, e dos "barnabês" em particular.

Hoje deve sair uma nota, na seção política dêste jornal, que contém uma intriga. Esperemos que o honrado Presidente Vargas não se aborreça com o rapaz. A história é verdadeira. Nosso prezado confrade Luís Costa, que redige a seção "O Dia do Presidente" no fogoso vespertino "Ultima Hora", mandou um recado ao nosso igualmente prezado confrade Luís Paulistano, que redige a seção "O Dia do Barnabê" no trepidante matutino "Diário Carioca". O recado é êste: "você é que tem razão".

Isso é mais ou menos como a parábola radiofônica do primo rico e do primo pobre. E contém uma advertência que seria capaz de apagar o charuto do Dr. Getúlio Vargas e de todos os senhores da Liga do Comércio do Rio de Janeiro — se alguma coisa fôsse capaz de apagá-los. Oh, sim, êles continuarão acesos. O que, afinal, é perigoso: o incêndio das grandes revoluções sempre foi ateado pelos charutos dos ricos e dos poderosos.

Mal sossegou, com o enterro das vítimas, a revolta popular no Sul, temos outra festa de Corbeville em Divinópolis. Tão animada como a outra. Os jornais, pudicamente, noticiam o caso nas páginas de dentro. As mulheres dos ferroviários, carregando os filhos, a Bandeira Nacional o retrato do Pai dos Pobres, invadiram as oficinas, fizeram com que os trabalhadores cessassem o trabalho, expulsaram os maquinistas, apagaram as locomotivas, enfrentaram os soldados, deitaram-se na linha para impedir o movimento de outras máquinas, paralisaram 12 composições, foram espancadas, continuaram a avançar... A última notícia sobre essa interessante Festa do Algodão Seridó acaba assim: "acredita-se que haja mortos porque os conflitos de rua entre os soldados e as mulheres assumiram proporções de combate a sapatos, pedras, paus e até armas de fogo".

Isso, positivamente, dá vontade de mandar um telegrama de congratulações. Talvez ao Sr. Láfer. Talvez ao Sr. Stalin.

**RUBEM BRAGA**

a semana da cidade

## "Comício" Apresenta:

A semana correu depressa, que só ela. Mas isso não impediu a visita de algumas pessoas famosas a esta cidade.

A polícia ameaça fechar algumas espeluncas, explicando aos jornais que as mesmas são um ultraje ao pudor. Entre as que estão na mira do Delegado de Costumes figuram o velho "Bolerô", de tanta arruaça no tempo dos marinheiros americanos quando davam belas demonstrações de que preconceito de raça só tem importância nos domínios do Tio Sam; o "La Conga", de vida efêmera, pôsto que ainda não tem um mês de existência, e o "Balalaika", onde os mais elegantes fumam maconha com piteiras de marfim.

No mais das coisas Josephine Baker instalará em nossa cidade uma filial da Associação Mundial Contra a Discriminação Racial e Religiosa, instituição que ela houve por bem criar em Paris. Acredita a grande atriz, e nós também, que "O Brasil, por ter atingido a um admirável progresso dentro dos melhores princípios democráticos, é um país-símbolo da concretização do ideal por que me bato".

... e assim passaram mais sete dias, relativamente calmos e relativamente belos. Aconteceram poucas coisas importantes e algumas curiosas. São justamente estas últimas que vão espalhadas aqui, nas duas páginas que COMÍCIO lhes reservou.

SÉRGIO PORTO

### SHAW E O SEU PRIMEIRO LIVRO

## HISTÓRIA DE CINDERELA

"O retrato gráfico de um homem em busca de si mesmo", é a maravilhosa opinião de um crítico norte-americano sobre o livro "The trouble with Cinderella", que Abraham Arshowsky, ou simplesmente Artie Shaw, acaba de publicar em New York.

Artie Shaw, o clarinetista incompreendido, que até hoje ninguém sabe direito se era um artista ávido de publicidade, ou se era somente um biruta de sorte. Será que êle esclarece essa dúvida no livro? Ou contará somente a sua história, uma história que parecerá fantástica e na qual muitos não acreditarão, embora ela seja absolutamente verdadeira.

Era uma vez um menino judeu, de família humilde, que às vezes passava fome, mas que nunca faltou à aula de música porque queria ser clarinetista. O menino cresceu, fez-se homem e fez-se um

excelente clarinetista, também.

Vai daí, entrou numa orquestra, correu muito mundo e um dia voltou pra New York. Compôs melodias, formou seu conjunto, locou num baile do Presidente e ficou muito rico.

Depois resolveu ser galã.

Escolheu Lana Turner (quem não escolheria?), propôs casamento e viveram felizes, mas só por dois anos.

Artie Shaw descansou, formou outra orquestra, ganhou mais dinheiro e quando estava no auge da fama ninguém mais o viu.

Seis meses mais tarde voltou sorridente dizendo aos amigos que jôra pro México morar numa praia sossegada e deserta: — Estava cansado de tanto cartaz!

Os amigos acharam que aquilo era a Lana. Artie Shaw não ligou, provando depois que amava era a música. E tanto era verdade que

se ajuudou nos estudos e surgiu de repente clarinete na orquestra do Maestro Stokowsky. Depois resolveu ser galã.

Escolheu Betty Gable (quem não escolheria?), propôs casamento e viveram felizes, mas só por dois anos.

Artie Shaw descansou, formou outra orquestra, ganhou mais dinheiro e quando estava no auge da fama brigou com o empresário e quebrou um trombone, instrumento pesado, na cara do dito.

Depois resolveu ser galã.

Escolheu Ava Gardner (quem não escolheria?), propôs casamento e viveram felizes, mas só por dois anos.

Artie Shaw descansou e contou para a imprensa que a esposa era burra. Tentara de tudo, lera-lhe os clássicos, comprara-lhe livros, mandou-a à escola, querendo que a bela tivesse cultura, pra quê não sabemos.



Da música cheio e das mulheres também, pegou no dinheiro que ainda sobrava, comprou uma fazenda e foi criar boi.

Depois resolveu ser galã.

Mas nada de Lanas, de Bettys ou Avas, que aquilo já estava ficando monótono. Casou com a filha de seu velho amigo Jerome Kern. Vendeu a fazenda e os bois que sobravam e comprou uma casa na zona rural. Escreveu o seu livro, contou sua história, que acaba de ser publicada. E vive feliz com sua senhora, já vai pra dois anos.

### HISTÓRIAS DE MÚSICA

#### ARI E OS FALSOS SAMBISTAS

Volta Ari Barroso a insistir no caso dos falsos sambistas. São indivíduos sem escrúpulos que exploram o talento alheio e se tornam conhecidos como compositores. Há novidade nisso? Ari sabe muito bem que sempre existiram e existirão tais indivíduos. Poderíamos citar uma infinidade de casos. De quem é o gosto que me enrosco?.. a Voz do Violão, o Me faz carinho? Todos sabemos os seus autores que, no entanto, nunca viram seus nomes colocados nas partituras das músicas ou no selo dos discos.

Calma, Ari, e continue produzindo os seus grandes sambas que estes, ninguém duvida, trazem a marca e o talento do dono.

#### Lima Barreto e um samba

Conta Francisco de Assis Barbosa, na sua excelente biografia de Lima Barreto: "Durante um carnaval (teria sido em 1906 ou 1907), quando ainda não se entregara de todo à vida boêmia, pela primeira vez com certeza, abandonara os companheiros, no melhor da festa, deixando-os perplexos ante a sua atitude inesperada e sem explicação. Por sinal que, nessa noite, Lima Barreto, de natural pouco expansivo, parecia alegre e comunicativo como nunca, o que não deixou de ser notado por todos. Em meio à folia carnavalesca, fizera-se de repente taciturno. A um deles, comunicou a decisão de ir para casa e logo desapareceu.

Como? Por quê? — perguntavam os amigos espantados, entreolhando-se, como a procurar o causador involuntário do aborrecimento.

Dias depois, Lima Barreto confessaria a

Antônio Noronha Santos, que fazia parte do grupo, o motivo da sua retirada intempestiva. E' que, acompanhando um rancho que passava, por entre guinchos estridentes de cornetim e ruidos surdos de bombos, todos os que compunham a roda, menos êle, começaram a cantar a música da moda:

Vem cá, mulata!  
Não vou lá, não.

— "Aquilo — segredou então ao amigo querido — penetrou-me nos ouvidos como um insulto. Lembrei-me de minha mãe. O convite canalha parecia dirigido a ela". (Francisco de Assis Barbosa — A Vida de Lima Barreto, pag. 213-214).

#### ESCOLA DE SAMBA

No desfile de uma escola de samba, não há motivos alegóricos, como nos ranchos. Também não há orquestra. E' o samba em toda sua pureza, sem artifícios que o desvirtuem. O coro canta única e exclusivamente acompanhado de instrumentos de percussão: tamborins, cuicas e surdos. Foi a escola Deixa falar, fundada em 1923, no Estácio de Sá, que popularizou esses instrumentos de origem africana e o seu papel na história do samba carioca é assim considerável.

#### RETRATO DE MÁRIO REIS

"Mário Reis, que é um esteta sincero no seu temperamento de artista, rompeu com as convenções. Nascido na rua Afonso Pena, claro de olhos cor de mel, Mário Reis apurou os dotes físicos no requinte que não escandaliza mas impressiona, quer aparecendo na disciplina veranista de um costume de palha de seda, quer surgindo na sobriedade de um "smoking" reverencial." (Orestes Barbosa — Samba, pag. 81).

Lúcio Rangel